

**FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS - FEF**

LARISSA VEDRONI VEIGA

**LARI VEDRONI JORNALISMO:
PROPOSTA DE COBERTURA DE EVENTOS NO INSTAGRAM**

**FERNANDÓPOLIS
2025**

LARISSA VEDRONI VEIGA

**LARI VEDRONI JORNALISMO:
PROPOSTA DE COBERTURA DE EVENTOS NO INSTAGRAM**

Projeto Experimental apresentado ao curso de Jornalismo da Fundação Educacional de Fernandópolis como requisito parcial para a obtenção de grau de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Profa. Ma. Andresa Caroline Lopes de Oliveira

**FERNANDÓPOLIS
2025**

FOLHA DE APROVAÇÃO

LARISSA VEDRONI VEIGA

TÍTULO: LARI VEDRONI JORNALISMO: PROPOSTA DE COBERTURA DE EVENTOS NO INSTAGRAM

Projeto Experimental apresentado ao curso de Jornalismo da Fundação Educacional de Fernandópolis como requisito parcial para a obtenção de grau de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Profa. Ma. Andresa Caroline Lopes de Oliveira

Aprovado em:/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Andresa Caroline Lopes de Oliveira
Fundação Educacional de Fernandópolis
Orientadora

Prof. Dr. Marcelo dos Santos Matos
Fundação Educacional de Fernandópolis

Prof. Me. Augusto Martins de Jesus
Fundação Educacional de Fernandópolis

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter sido a minha força, me conduzido em todos os momentos e me dado sabedoria durante toda minha acadêmica.

Aos meus pais, que nunca soltaram a minha mão, sempre me ajudaram, me acompanharam em todo o percurso, nunca desistiram de mim mesmo nos momentos mais desafiadores. O amor, incentivo e compreensão foram fundamentais para que eu chegassem até aqui.

Aos meus amigos de sala, que mesmo com seus próprios desafios, nunca deixaram de me ajudar quando precisei.

À minha orientadora, pela dedicação, paciência e pelas valiosas orientações que enriqueceram o meu trabalho. E muito obrigada pelas aulas ministradas sobre produção de conteúdo para as redes sociais, que foram essenciais para a realização desse projeto.

Agradeço também aos mestres, que, por meio de seus ensinamentos, ampliaram meu conhecimento e me inspiraram a evoluir como pessoa e profissional.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indireta-mente, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada gesto de apoio deixou esta caminhada mais leve e significativa.

“Trabalhe com o que você ama, e nunca mais precisará trabalhar na vida”

Confuccio

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo desenvolver um produto jornalístico direcionado à cobertura de eventos culturais nas redes sociais, com ênfase na plataforma Instagram. A proposta busca valorizar manifestações tradicionais do interior paulista, como rodeios, festivais e feiras artísticas, reconhecendo sua relevância histórica, simbólica e econômica para as comunidades locais. Do ponto de vista metodológico, o trabalho compreende o planejamento e a execução de coberturas jornalísticas, a definição de critérios para seleção dos eventos a serem acompanhados e a análise do desempenho das publicações nas plataformas digitais. Espera-se, ao final, demonstrar a viabilidade de um produto de jornalismo cultural adaptado às dinâmicas das redes sociais, evidenciando sua contribuição para a valorização e a difusão da cultura local.

Palavras-chave: jornalismo; redes sociais; convergência; mídia; tecnologia

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis aims to develop a journalistic product focused on covering cultural events on social media, with an emphasis on the Instagram platform. The proposal seeks to highlight traditional manifestations from the countryside of São Paulo—such as rodeos, festivals, and artistic fairs—recognizing their historical, symbolic, and economic relevance to local communities. From a methodological perspective, the work involves planning and executing journalistic coverages, defining criteria for selecting the events to be followed, and analyzing the performance of the publications on digital platforms. In conclusion, the study intends to demonstrate the feasibility of a cultural journalism product adapted to the dynamics of social media, highlighting its contribution to the appreciation and dissemination of local culture.

Keywords: journalism; social media; convergence; media; technology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. JORNALISMO DIGITAL.....	11
1.1 REDES SOCIAIS COMO PALCO DE EXPRESSÃO CULTURAL.....	13
2. DESAFIOS DO JORNALISMO CULTURAL NO NOROESTE PAULISTA.....	14
2.1 O QUE MUDOU NA COBERTURA DE EVENTOS?.....	15
2.2 JORNALISMO EMPREENDEDOR: POSSIBILIDADES NAS MÍDIAS SOCIAIS.....	16
3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	18

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Feed do perfil no Instagram.....	19
FIGURA 2 – Entrevista com João Neto & Frederico.....	19
FIGURA 3 – Cobertura da FICCAP 2025.....	20
FIGURA 4 – Cobertura do Festival Nacional de Teatro em Jales.....	20
FIGURA 5 – Cobertura do FEF Cult.....	21

INTRODUÇÃO

O cenário contemporâneo é marcado por uma profunda transformação no campo jornalístico, impulsionada sobretudo pelo avanço acelerado da Internet e pela ampla popularização das mídias sociais. A digitalização das práticas comunicacionais remodelou a forma como a informação é produzida, distribuída e consumida, inaugurando um ambiente multimidiático em que a velocidade, a interatividade e a segmentação de públicos se tornaram elementos centrais. Nesse ecossistema, o acesso à informação ocorre de maneira instantânea e diversificada, exigindo do jornalismo novas estratégias de atuação, formatos mais flexíveis e uma compreensão ampliada das dinâmicas de consumo nas plataformas digitais.

É nesse contexto de transformações estruturais que se insere o presente trabalho, cujo propósito é desenvolver um produto jornalístico voltado à cobertura de eventos nas redes sociais, com ênfase nas manifestações tradicionais do interior do Estado de São Paulo. A proposta busca informar, engajar e valorizar expressões culturais locais, como rodeios, festivais e feiras, destacando sua relevância histórica, simbólica e econômica. O projeto dialoga com os princípios do jornalismo de proximidade, ao priorizar o olhar do público local e reconhecer os agentes culturais da região como protagonistas do processo comunicacional. Assim, pretende-se construir uma cobertura que não apenas registre os eventos, mas que também fortaleça a identidade cultural e o sentimento de pertencimento das comunidades envolvidas.

A motivação central deste produto reside na necessidade de compreender de que maneira a mediação da informação cultural ocorre nas redes sociais e como as novas rotinas de produção jornalística, moldadas pelo ambiente digital, reconfiguram práticas profissionais. Considerando que a Internet se consolidou como a principal fonte de notícias da sociedade atual, torna-se fundamental investigar como os produtos jornalísticos podem se adaptar às linguagens e às lógicas das plataformas, mantendo sua função social e reforçando a importância da cultura local em meio às novas dinâmicas comunicacionais.

O presente relatório técnico está dividido em três seções: na primeira, uma breve fundamentação dos conceitos de mediação cultural por meio das redes sociais. A segunda parte versa sobre os desafios do jornalismo cultural na região noroeste paulista e as possibilidades de empreendedorismo no jornalismo em ambientes digitais. Por fim, na seção 3, apresentamos a descrição do produto.

1. JORNALISMO DIGITAL

O jornalismo contemporâneo atravessa uma das transformações mais profundas de sua história. Impulsionado pelo avanço acelerado das tecnologias digitais, pela expansão da internet e pela consolidação das mídias sociais como espaços centrais de circulação informacional, o jornalismo digital emerge como um campo em constante reconfiguração.

A emergência de ambientes digitais interativos contribuiu para a consolidação de um ecossistema informacional descentralizado, marcado pela participação ativa do público e pela velocidade do fluxo comunicacional. Castells (2013) afirma que vivemos em uma “sociedade em rede” na qual a lógica da comunicação deixa de ser vertical para se tornar horizontal, permitindo que diferentes atores - usuários, plataformas, instituições e jornalistas – disputem atenção e legitimidade. Nesse sentido, a internet amplia tanto as possibilidades de difusão jornalística quanto os desafios relacionados à credibilidade e à sobrecarga informacional.

Na visão de Jenkins (2009), a convergência midiática também desempenha papel central no cenário atual. O autor descreve esse fenômeno como a circulação de conteúdos por múltiplos suportes, associada à participação ativa de consumidores que, agora, também podem ser produtores.

A convergência exige que as empresas de mídia repensem antigas suposições sobre o que significa consumir mídias, suposições que moldam tanto decisões de programação quanto de marketing. Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos (Jenkins, 2009, p. 47).

Essa lógica desafia os modelos tradicionais e abre caminho para práticas mais colaborativas, nas quais o jornalismo precisa se adaptar a narrativas interativas, multimodais e fragmentadas. Assim, o produto jornalístico deixa de se limitar ao texto e passa a incorporar imagens, vídeos, infográficos, hiperlinks e recursos de visualização dinâmica.

Paralelamente, a consolidação das redes sociais como espaços de consumo de notícias impõe novas lógicas de produção e engajamento. Recuero (2011) aponta que essas redes funcionam como sistemas complexos de circulação informacional, nos quais interações, curtidas, compartilhamentos e comentários influenciam a visibilidade dos conteúdos.

O que muitos chamam de "mídia social" hoje, compreende um fenômeno complexo, que abarca o conjunto de novas tecnologias de comunicação mais participativas, mais rápidas e mais populares e as apropriações sociais que foram e que são geradas em torno dessas ferramentas. É um momento de hiperconexão em rede, onde estamos não apenas conectados, mas onde transcrevemos nossos grupos sociais e, através do suporte, geramos novas formas de circulação, filtragem e difusão dessas informações (Recuero, 2011, p. 14).

Nesse aspecto, o jornalismo digital é atravessado por processos invisíveis de seleção, com influência direta sobre alcance e engajamento. Essa medição constante, baseada em métricas de performance, redefine práticas editoriais, muitas vezes obrigando jornalistas e veículos a adaptarem seus conteúdos às dinâmicas impostas pelos algoritmos.

Em síntese, o jornalismo digital deve ser compreendido como um campo em constante mutação, marcado pela convergência midiática, pela interação em rede e por diversidade de formatos multimídia.

Para Jenkins (2009), vivemos em uma era de convergência midiática, em que velhas e novas mídias não competem entre si, mas coexistem e se inter-relacionam. Essa convergência se dá em três níveis: tecnológico, cultural e social. O tecnológico inclui a integração de diferentes formatos em dispositivos móveis, permitindo a produção, edição e compartilhamento de conteúdos em tempo real. Já no nível cultural, destaca-se a circulação de narrativas fragmentadas, que atravessam plataformas e se complementam de maneira descentralizada. E em nível social, a convergência se manifesta na participação ativa do público, que se torna coautor da experiência.

A definição de cultura participativa de Jenkins (2009) oferece pistas para compreender o fenômeno das coberturas em redes sociais. O público não apenas consome conteúdos sobre os eventos, mas também produz e distribui suas próprias narrativas, remixando experiências e ampliando a circulação de informação e de conhecimento.

As ferramentas de redes sociais impactam o papel do jornalismo e seus processos produtivos de forma profunda e sob mais de uma dimensão. Ler, ouvir e assistir passam a ser apenas uma fração do comportamento da audiência, que agora também tem meios para escrever, falar e distribuir o próprio conteúdo. A cobrança, antes um suspiro inaudível até para o companheiro de sofá, agora é pública e exige resposta imediata (Nickel; Fonseca, 2020, p. 115).

Nesse aspecto, um dos elementos centrais das mídias sociais é a possibilidade

de cobertura em tempo real por meio de lives, stories e transmissões no TikTok que aproximam espectadores que não estão fisicamente presentes, permitindo que eles interajam por meio comentários, curtidas e compartilhamentos. E isso demonstra que a experiência em eventos culturais não é apenas vivida presencialmente, mas também acompanhada à distância.

A partir desse contexto, uma camada de mídia expande o alcance do evento, gerando uma imensidão de registros que atuam como memória coletiva digital.

1.1 Redes sociais como palcos de expressão cultural

As mídias são vistas como palcos simbólicos em que tradições locais ganham um novo significado. Uma festa popular transmitida ao vivo, por exemplo, deixa de ser apenas uma manifestação regional para alcançar espectadores de diferentes partes do mundo, que podem interagir, comentar e reinterpretar a experiência a partir de seus próprios contextos culturais, e tornando um evento regional em globalizado.

Segundo Loureiro (2011), qualquer pessoa com acesso a um dispositivo conectado pode criar e distribuir conteúdos, expressar opiniões e influenciar outras pessoas por meio de blogs, vídeos, fotos, microblogs e recursos de geolocalização.

Aplicativos como o TikTok, com seu algoritmo baseado em tendências, favorece conteúdos rápidos, criativos e capazes de gerar replicações em larga escala. Já o Instagram, por meio de recursos como reels, stories e transmissões ao vivo, possibilita tanto registros instantâneos quanto narrativas mais elaboradas, que funcionam como curadorias pessoais.

Este trabalho parte da compreensão de que as coberturas de eventos culturais nas redes sociais constituem uma prática de comunicação marcada pela participação ativa do público e pela convergência das mídias sociais.

2. Desafios do jornalismo cultural no noroeste paulista

O jornalismo cultural, em sua essência, transcende a função de mero calendário de eventos ou guia de lazer. Ele se estabelece como um campo de mediação entre a produção simbólica da sociedade (arte, ciência, esporte, estilo de vida) e o público. No contexto brasileiro, esta especialidade do jornalismo ganhou relevância a partir do século XX, assumindo a responsabilidade de interpretar e criticar as manifestações artísticas. A função primordial deste segmento jornalístico não é apenas informar, mas atribuir valor e contexto. É o que afirma Hohlfeldt (2002), ao distinguir a cobertura cultural de outras práticas jornalísticas.

O jornalismo cultural se estabelece como um campo de mediação fundamental entre o campo da criação artística e o público consumidor, não se limitando à mera divulgação de lançamentos, mas sim à reflexão crítica sobre os produtos simbólicos de uma sociedade. O crítico, ou o repórter cultural, é o primeiro leitor qualificado, o intermediário entre a obra e a recepção, sendo-lhe exigido um repertório vasto e uma capacidade analítica apurada (Hohlfeldt, 2002, p. 45).

Dessa perspectiva, o papel do jornalista cultural é ativo e formativo. Ele contribui diretamente para a legitimação ou o questionamento das obras e artistas, influenciando o consumo cultural e, indiretamente, as políticas públicas. No entanto, a realidade do jornalismo em regiões descentralizadas, como o Noroeste Paulista, impõe desafios que sobressaem ao que é esperado na teoria.

A cobertura de eventos culturais, especialmente em jornais e portais regionais, frequentemente é restrita à lógica da divulgação. A escassez de espaço, a necessidade de gerar tráfego rápido e a limitação de repórteres especializados resultam em uma cobertura superficial, que apenas registra a ocorrência do evento sem coberturas mais amplas.

No noroeste paulista, a cidade de São José do Rio Preto possui uma programação cultural mais robusta, composta por shows, exposições e peças teatrais que tendem a ser destaque na mídia regional (Lima, 2021).

Já as cidades menores, como Fernandópolis, Jales e municípios do entorno são conhecidas pelas festas agropecuárias, como a Expo Fernandópolis, Jales Rodeo Show. Também são destaques as peças teatrais e outras atrações que promovem a cultura regional.

2.1 O que mudou na cobertura jornalística de eventos?

Ao longo da história, manifestações culturais como rodeios, festas regionais, festivais de música e feiras populares, constituem espaços de sociabilidade, celebração e identidade coletiva, e estes eventos sempre foram registrados por diferentes meios de comunicação, desde o jornal impresso até a televisão.

Atualmente, tais eventos são narrados e compartilhados nas mídias sociais de forma totalmente diferenciada, devido a ascensão de mídias sociais como Instagram e TikTok. Tais plataformas se consolidaram oferecendo recursos de publicação instantânea, a predominância do audiovisual e a possibilidade de interação em tempo real, criaram um modelo de cobertura, no qual o público não é apenas espectador, mas também coautor da experiência.

Antes da Internet, a cobertura de um evento dependia da mediação jornalística tradicional, atualmente qualquer participante pode transmitir ao vivo, publicar entrevistas improvisadas, compartilhar vídeos curtos ou interagir diretamente com outros usuários que acompanham a festa à distância.

Conforme observa Recuero (2011) esse fenômeno expressa, a lógica da mobilidade e da viralização que caracteriza o ecossistema das mídias sociais.

Sites de rede social foram especialmente significativos para a revolução da "mídia social" porque vão criar redes que estão permanentemente conectadas, por onde circulam informações de forma síncrona (como nas conversações, por exemplo) e assíncrona (como no envio de mensagens). Redes sociais tornaram-se a nova mídia, em cima da qual informação circula, é filtrada e repassada; conectada à conversação, onde é debatida, discutida e, assim, gera a possibilidade de novas formas de organização social baseadas em interesses das coletividades (Recuero, 2011, p.15).

Sob essa perspectiva, a cobertura de eventos deixa de ser um registro isolado e linear, para se tornar um fluxo contínuo de conteúdos que se complementam, se remixam e circulam em diferentes redes. Um rodeio, por exemplo, não é apenas exibido em tempo real por meio de lives, mas também é desdobrado em outros formatos, como memes, cortes de vídeos, entrevistas rápidas com artistas e bastidores captados pelos próprios espectadores.

Novas formas de engajamento são criadas por essa amplitude de narrativas e visibilidade dos eventos, ganhando repercussão global, o que antes era visto somente pelo público local. Por exemplo, um festival de música não é apenas narrado pelos

organizadores ou pela imprensa oficial. Cada participante contribui com fotos, stories, vídeos de trechos específicos das apresentações, entrevistas improvisadas com amigos e até críticas sobre a estrutura do evento. Na plataforma Instagram, por meio dos recursos de stories e reels, é possível ter instantaneidade permitindo que cada usuário monte uma narrativa própria sobre a experiência vivida.

Nesse sentido, o ambiente em que vivemos tem se tornado midiático, em que as mídias antigas e novas se cruzam e se interagem, sendo capazes de produzir conteúdo mais abrangentes e novas práticas comunicacionais.

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. [...] a convergência refere-se a um processo, e não a um ponto final (Jenkins, 2009, p. 43).

Nesse aspecto, os consumidores assumem um papel ativo na circulação, adaptação e produção de narrativas, surgindo o que denomina de cultura participativa. Neste novo cenário, o espectador passivo, ou seja, que antes só assistia uma transmissão televisiva passa a atuarativamente no processo de criação de um registro, compartilhando seu ponto de vista e dialogando diretamente com outros usuários.

No contexto da produção cultural, esse movimento reforça laços comunitários, amplia a diversidade de narrativas sobre o mesmo acontecimento, permitindo que diferentes vozes participem da construção coletiva da memória cultural.

2.2 Jornalismo empreendedor: possibilidades das mídias sociais

Ao mesmo tempo em que o processo tecnológico oferece possibilidades de participação dos cidadãos na produção de conteúdo, as mídias digitais também podem ser consideradas como um celeiro de empreendedorismo para jornalistas que buscam atuar de forma independente.

A inovação ao mesmo tempo em que abre novas oportunidades de modificação do produto jornalístico para acompanhar o progresso tecnológico provoca a remodelação de processos e modelos que já não mais funcionam dentro de um mercado onde a geração de receita baseada na venda de publicidade já não é mais suficiente para sustentar uma empresa jornalística. A expectativa pela mudança de ambiente, em busca de oportunidades de trabalho desvinculadas de postos de trabalho atrelados ao esquema das redações de veículos tradicionais (Bittencourt, 2018, p. 77-78).

No jornalismo de entretenimento, programas televisivos especializados na cobertura de notícias sobre celebridades foram substituídos por perfis de colunistas como Léo Dias e Hugo Gloss, no Instagram. Jornalistas que trabalham de forma independente, sem nenhum vínculo com empresas jornalísticas.

Na região, a jornalista Natália Quatrino é um exemplo de empreendedora com o seu perfil “Nath na Festa”, dedicado à cobertura de festas do peão regionais, garantindo a sustentabilidade do seu negócio por meio de parcerias e o trabalho conjunto com organizadores dos eventos.

3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O presente trabalho consiste na cobertura de eventos culturais da região noroeste paulista por meio do perfil @larivedronijornalismo, no Instagram.

Os equipamentos utilizados nas coberturas foram: celular Iphone 15 de 128 gb, microfone de lapela, luz de led e tripé. O apoio técnico contou com a presença de Antonio Martinez Veiga, Elis Andréia Vedroni Veiga, Adrielly Basi e Daiana Araújo. Como recurso de edição foi utilizado o CapCut.

Foram realizadas diversas coberturas nas cidades de: Jales, Santa Fé do Sul, Fernandópolis, Estrela D' Oeste, São Francisco e Marinópolis, captando imagens em rodeios, shows, eventos culturais (Sarau no Ponto, FEF Cult, Festival Nacional de Teatro de Jales, Festival Japonês Bon Odori de Jales, entrevista de lançamento do livro “Uma utopia em três atos” - comemorando os 35 anos da Escola Livre de Teatro de Jales, Entrevista com Rui Rodrigues de Souza - reconhecido por seu trabalho em diversas áreas da cultura local como poeta, músico, escultor e pintor, viagem técnica cultural – Programa Altas Horas da Rede Globo). O transporte utilizado para locomoção até o local dos eventos foi veículo próprio

Para as gravações foram utilizados os formatos de *Stories*, *Reels* e publicações em carrossel, que possibilitaram um alcance maior do público, já que cada uma dessas dimensões atinge um segmento diferente, e todos puderam se inteirar do evento de forma rápida e em tempo real. Esse contexto reforça que o consumo de informação nas redes sociais acontece através da interação e da coprodução, aproximando público do ambiente jornalístico.

Neste formato midiático, se torna necessário usar uma linguagem adaptativa para que a mensagem seja compreendida na íntegra e com facilidade para a comunidade do Instagram, utilizando linguagem informal e atual, com textos curtos e objetivos, porém preservando o rigor jornalístico na apuração dos fatos.

Com o objetivo de que toda a cobertura seja feita de forma eficiente foi necessário realizar um planejamento e um roteiro para que seja explorada toda a potencialidade da plataforma, respeitando suas regras de publicação.

Sob todos esses pontos em questão, o trabalho permitiu uma interação entre o público, a plataforma (Instagram) e o jornalismo, transformando o empreendedorismo digital numa forma informativa, dinâmica, e acessível, permitindo a proximidade entre

o profissional da área e um público diverso.

FIGURA 1 – Feed do perfil no Instagram

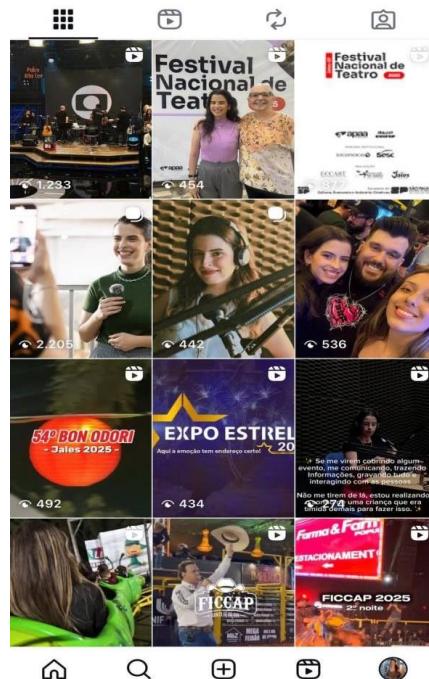


FIGURA 2 - Entrevista com João Neto & Frederico na cidade de São Francisco



FIGURA 3- Cobertura da FICCAP 2025



FIGURA 4- Cobertura do Festival Nacional de Teatro em Jales



FIGURA 5 – Cobertura do FEF Cult



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os aspectos apresentados ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso evidenciam que a cobertura de eventos culturais nas redes sociais constitui uma prática comunicacional complexa, resultado da articulação entre mobilidade, instantaneidade, viralização e convergência midiática.

Além dos resultados técnicos e comunicacionais, a experiência vivenciada neste projeto também se revelou transformadora em âmbito pessoal e profissional. Participar ativamente da construção dessa cobertura, saindo de trás das telas para interagir em tempo real com pessoas de diferentes idades, culturas e classes sociais, ampliou a compreensão sobre o papel social do jornalista na atualidade. Trata-se de um processo que reafirma a importância da presença, da escuta ativa em um cenário cada vez mais digital e participativo.

Assim, o perfil “Lari Vedroni Jornalismo” demonstra que a cobertura de eventos culturais em redes sociais não apenas exige domínio técnico, sensibilidade narrativa e capacidade de adaptação, mas também proporciona ao jornalista uma oportunidade singular de vivenciar práticas que refletem a essência do novo ecossistema midiático. Essa experiência reforça a relevância da formação do jornalista com variados domínios midiáticos, como o de linguagens e produção técnica.

Outra experiência relevante, veio com o potencial empreendedor do projeto. Entendida a viabilidade do trabalho, após a conclusão do curso, pretendo continuar com o perfil e formular estratégias de monetização que o torne sustentável financeiramente.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Jornalismo, inovação e empreendedorismo: questões sobre modelos de negócio em contexto de crise. **Líbero**, n. 41, p. 74-87, 2018.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a Era da Informação, Economia, Sociedade e Cultura. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- HOHLFELDT, Antonio. **O Jornalismo Cultural no Contexto Contemporâneo**. São Paulo: Edusp, 2002.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LIMA, V. A **Síndrome da Capital**: Desafios do Jornalismo Cultural em Regiões Pulverizadas. Campinas: Editora Unicamp, 2021.
- LOUREIRO, Thiane. Buzz. In: BRAMBILLA, Ana (Org.). **Para entender as mídias sociais**. 2011.
- NICKEL, Barbara; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. O que é lento no slow journalism?: uma análise da sua relação com o tempo. **Âncora: Revista Latino-americana de Jornalismo**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Vol. 7, n. 1 (jan./jun. 2020), p. 14-33, 2020.
- RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.